

“MÁGICO DE OZ” Experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL

“MÁGICO DE OZ”
Experiments with urban montage in the city of Maceió/AL

Leandro Ferreira Marques¹ e Flavia de Sousa Araújo²

Resumo

Este artigo aborda a narrativa de medo, insegurança e estigmatização negativa associada aos bairros negros devido à violência letal urbana. É fruto de reflexões de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo em Maceió, Alagoas. É importante ressaltar que as cidades brasileiras são permeadas por fortes desigualdades e opressões sociais, como o racismo estrutural. Objetiva-se construir contranarrativas que tensionam as imagens hegemônicas associadas à população negra no espaço público urbano. Utiliza-se a metodologia de montagem urbana e inspirações da filosofia africana do *Ubuntu* para criar colagens através de fragmentos de atividades cotidianas de três bairros negros de Maceió. Concluímos que imagens da cidade não são fixas ou imutáveis, mas influenciadas pela perspectiva de quem as vivencia. Portanto, é fundamental proporcionar interpretações desses lugares que não são de violência. Assim, propomos criar imagens que representem a vida da população negra, sua potência e (re)existência que desafiam a necropolítica.

Palavras-chave: montagem urbana, racismo estrutural, bairros negros, Maceió.

Abstract

This article addresses the narrative of fear, insecurity and negative stigmatization associated with black neighborhoods due to lethal urban violence. It stems from reflections on a Final Graduation Project in Architecture and Urbanism in Maceió, Alagoas. Strong inequalities and social oppressions, like structural racism, are prominent in Brazilian cities. The objective is to construct counter-narratives that challenge the hegemonic images associated with black population in urban public spaces. The method involves urban assemblage and draws inspiration from the African philosophy of Ubuntu to create collages through fragments of daily life from three black neighborhoods in Maceió. We conclude that city images are not fixed or immutable, but influenced by the perspective of those who experience them. Therefore, it is important to provide interpretations of these places that go beyond violence. Thus, we propose creating images that represent the life, power and (re)existence of the black population, challenging necropolitics.

¹ Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL), mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (PPGAU-FAUFBA), com interesse de pesquisa em bairros negros, raça, racismo e planejamento urbano, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia e integrante do grupo de pesquisa ¡DALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços.

² Arquiteta e Urbanista, especialista em Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (PPGAU-UFBA) e doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). Integrou a equipe responsável pelo Plano Estadual de Habitação de Interesse Social do Pará, na construção e elaboração de políticas habitacionais junto aos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais. É pesquisadora dos grupos Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados (LIN-A) e Morfologia dos Espaços Públicos (MEP-FAU/UFAL).

Keywords: urban montage, structural racism, black neighborhoods, Maceió.

Ponto(s) de partida(s)

Aquele moleque, que sobrevive como manda o dia a dia / Tá na correria, como vive a maioria / Preto desde nascença, escuro de Sol / Eu tô pra vê ali igual, no futebol / Sair um dia das ruas é a meta final / Viver decente, sem ter na mente o mal / Tem o instinto que a liberdade deu / Tem a malícia, que cada esquina deu / Conhece puta, traficante e ladrão / Toda raça, uma par de alucinado e nunca embaçou / Confia neles mais do que na polícia / Quem confia em polícia? Eu não sou louco / A noite chega e o frio também / Sem demora, aí a pedra / O consumo aumenta a cada hora Pra aquecer ou pra esquecer / Viciar, deve ser pra se adormecer / Pra sonhar, viajar, na paranoia, na escuridão / Um poço fundo de lama, mais um irmão / Não quer crescer, ser fugitivo do passado / Envergonhar-se se aos 25 ter chegado / **Queria que Deus ouvisse a minha voz / E transformasse aqui num Mundo Mágico de Oz**

Trecho da música “Mágico de Oz” dos Racionais MC’s (SOBREVIVENDO, 1997, grifo nosso)

Quando eu realmente escutei o álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC’s³, aos meus 22 anos de idade, parei para pensar na mensagem e significado dessas letras e de como elas conversam comigo. Falo de uma realidade na qual tive acesso a uma boa estrutura familiar, a boas escolas, a comida, a roupa, a moradia, ao lazer, mas apesar de tudo isso eu sempre me sentia diferente e que precisava me esforçar mais do que os outros para conseguir ser reconhecido, visto, ao menos considerado e escutado. Essa sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento me acompanhou desde pequeno. Só quando entrei na Universidade, local no qual me reconheci como pessoa negra, que me dei conta dos motivos: eu não sou diferente, tornam-me diferente.

Compreender que o racismo antinegro⁴ afeta nossa condição como indivíduo negro na sociedade foi doloroso, mas ao mesmo tempo uma forma de resistência e autoconhecimento. Ao ler Grada Kilomba⁵ (2019) e entender que o racismo tem como característica marcante a construção da diferença ligada à formação de valores hierárquicos de naturalização da desonra e inferiorização de pessoas não brancas, somados as estruturas de poder histórico, social, econômico e político; cheguei a conclusão de que eu também estou tentando “Sobreviver no Inferno”. É do sentimento da música “Mágico de Oz”, o de transformar esse inferno num “mundo mágico”, que

³ Racionais MC’s é um grupo brasileiro de rap formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, considerados o maior grupo de rap do Brasil, foi fundado em 1988 com a preocupação de denunciar a opressão que o racismo e o capitalismo causavam através da miséria, violência e o crime na população negra.

⁴ A fim de enfatizar e não silenciar os demais grupos que sofrem com racismo, o teórico Henrique Cunha, estudioso das áreas de Bairros Negros, Territórios negros, História e Urbanismo Africano, utiliza do acréscimo do termo antinegro para direcionar um dos afetamentos do racismo e, assim, falar com mais propriedade acerca dos problemas específicos que a população negra sofre (BAIRROS, 2021; RELAÇÕES, 2021).

⁵ Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica nascida em Lisboa (com raízes em São Tomé e Príncipe e Angola), onde estudou psicologia e psicanálise. Doutora em filosofia na Freie Universität, Grada ficou bastante conhecida pelo seu trabalho “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano” (2019) obra no qual discute sobre os danos psíquicos causados pelo racismo, sendo o livro traduzido e publicado em várias línguas internacionalmente.



Colagem 1 - Aquele Homem - série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros. Fonte: PAULA; MARQUES, 2021.

então se originam os estudos e discussões aqui apresentados: é preciso contraponer, ou seja, construir mundos desejáveis por meio de contranarrativas que enfraquecem a hegemonia colonialista e potencializam cosmopercepções negras e ancestrais, transformando as “armas dos inimigos em defesa” (SANTOS, 2023). Dessa maneira, buscamos desconstruir imagens e narrativas colonialistas que associam a população negra a contextos negativos, retirando-a da condição de opressão e violência, de modo a apontar potentes contranarrativas de reinvenção, resistências e reexistências.

Ressaltamos que a produção desse artigo provém do Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, apresentado em 2022, intitulado: “‘Sobrevivendo no Inferno’: experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL” (MARQUES, 2022a), cujo objetivo geral foi buscar enfrentamentos à representação negativa negra na cidade, partindo de um foco no estudo da violência sofrido por corpos negros na cidade. Fundamentalmente da violência letal urbana por meio da análise dos Crimes Violentos Letais Intencionais⁶ entre 2012 e 2021, junto a dados de raça, gênero, renda, educação e densidade demográfica, a partir do estudo de caso do município de Maceió, capital de Alagoas, estado do nordeste brasileiro (Figura 01), cidade no qual cresci e fui criado.

Descobrimos que há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais nos bairros negros⁷, morrendo uma pessoa negra de forma violenta a cada 18 horas e

6 De acordo com o Conselho Nacional do Ministério Público “A categoria ‘Crimes Violentos Letais Intencionais’ foi idealizada em 2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SENASP), com a finalidade de agregar os crimes de maior relevância social. São considerados como CVLI os crimes de homicídio doloso, incluindo-se o feminicídio, a lesão corporal seguida de morte e o latrocínio.” (BRASIL, 2021, p. 08).

7 Bairros Negros é um conceito cunhado pelo teórico Henrique Cunha (2021), no intuito de buscar outros discursos e assim melhor descrever as territorialidades negras nas cidades, não reduzindo-a apenas a visão de classe, como comumente é tratado, e portanto desinibilizando a relação racial na organização espacial das cidades para além de não só enxergar essas áreas pelo sentença da miséria e da pobreza

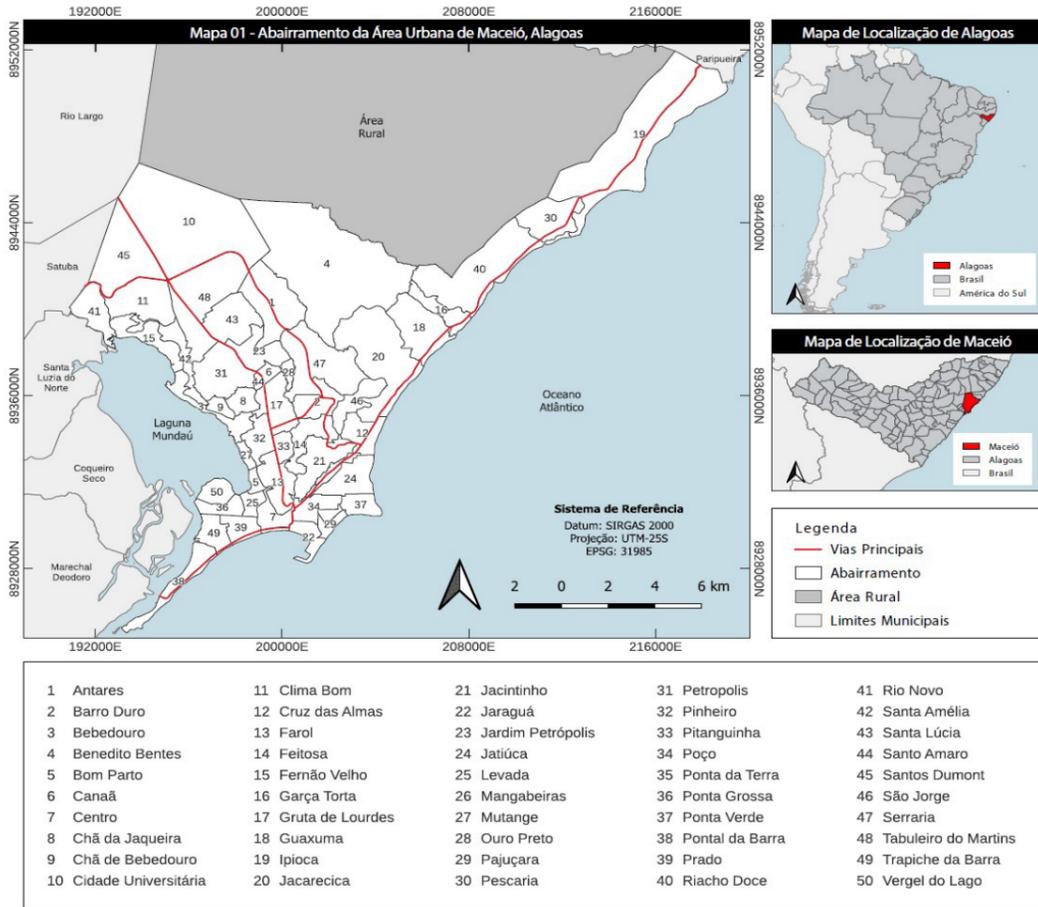


Figura 1 - Esquema de localização do recorte de estudo. Fonte: MARQUES, 2022a.

afetando majoritariamente jovens-homens-negros⁸. Assim, se constrói uma narrativa de medo e insegurança ao redor dos bairros negros, principalmente pelas ações policiais e a constante divulgação de imagens de morte pela mídia, afetando diretamente a produção urbana e arquitetônica desses territórios e reforçando que esses lugares se resumem a violência. A intenção desse artigo foi a resposta que o TFG buscou para esse cenário de violência: construir imagens positivas da população negra no espaço urbano através do uso do método de montagem urbana - melhor explicitado no decorrer do artigo -, especificamente a partir do estudo dos bairros Benedito Bentes, Jacintinho e Vergel do Lago, de Maceió/AL (Figura 1). Bairros negros identificados como os 03 (três) mais vulneráveis quanto à sobrevivência da população negra.

Através das discussões aqui apresentadas também gostaríamos de explicitar que ainda pouco se discute de forma ampla sobre as premissas do fazer e estudar a cidade relacionada à questão racial⁹. No país da falsa democracia racial não basta reconhecer que o campo da Arquitetura e Urbanismo, enquanto mais uma instituição e local de prática, dialoga, absorve, reproduz e perpetua problemáticas estruturais da sociedade brasileira. Também é preciso tomar partido das ferramentas desse campo do conhecimento (no meio profissional e acadêmico) para criar e pensar meios de combate ao racismo. Acreditamos que a Arquitetura e Urbanismo é um campo que permite a concretização da imaginação e idealização de lugares. Como tal, pode e deve ter a responsabilidade de pensar e experimentar possibilidades outras de existência do ser negro no espaço urbano, de projetar utopias conscientes, tanto do amanhã, como

de capital, usualmente, conceituadas por teorias urbanísticas eurocêntricas de negação a diversidade e reprodutora de dualismos e da naturalização da inferioridade dessas áreas: cidade formal x informal, centro x periferia, bairros populares, periféricos, aglomerados subnormais.

8 Vilma Reis (2005) traz o conceito de jovens-homens-negros para tratar de quem mais a violência letal urbana afeta, reforçando as dimensões identitárias e interseccionais, de raça, gênero e geração.

9 Em pesquisa publicada em abril de 2021, o Instituto Locomotiva destaca que 84% das pessoas percebem o racismo, mas apenas 4% se consideram preconceituosas (2021).



do presente e passado nas quais o viver não seja apenas sobreviver. Como nos inspira as cosmovisões dos povos autóctones e afroconfluentes, destacadas pelo intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023, p.15): “quando a gente confluencia, a gente não deixa ser a gente (...), a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida”.

Precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo[, o povo negro,] precisa deles mais do que a maioria. Sem uma imagem do amanhã, fica-se preso pela cega história, economia e política que estão além do nosso controle. Um está amarrado em uma teia, em uma rede, sem como se libertar. Somente com imagens claras e vitais das muitas alternativas, boas e ruins, de onde se pode ir, teremos qualquer controle sobre a maneira como podemos realmente chegar lá: em uma realidade do amanhã tudo chegará mais rápido (DELANY, p. 35, 1984, tradução nossa)¹⁰.

Relações raciais no espaço urbano

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã / Aqui estou, mais um dia / Sob o olhar sanguinário do vigia / Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK / Metralhadora

10 Trecho do texto “A necessidade de amanhã” de Samuel R. Delany (1984, p. 35, tradução nossa). Samuel R. Delany é apenas um escritor, como diz o próprio. Afro-americano nascido em 1942, em Nova Iorque, Delany é um dos mais aclamados autores de ficção científica, especulativa e literatura gay. Tem diversos livros publicados, com destaque para “Hogg” (1994), “Dhalgren” (1974) e “Babel-17” (1966). Em 2002 passou a integrar o Hall da Fama da Ficção Científica e em 2013 foi laureado como Grande Mestre pela Science Fiction and Fantasy Writers of America, tornando-se o primeiro escritor de ficção científica negro com as mais altas honrarias do gênero.

alemã ou de Israel / Estraçalha ladrão que nem papel / Na muralha, em pé, mais um cidadão José / Servindo o Estado, um PM bom / Passa fome, metido a Charles Bronson / Ele sabe o que eu desejo / Sabe o que eu penso / O dia tá chuvoso, o clima tá tenso / Vários tentaram fugir, eu também quero / Mas de um a cem, a minha chance é zero / Será que Deus ouviu minha oração? / Será que o juiz aceitou a apelação? / Mando um recado lá pro meu irmão / Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão / Ele ainda tá com aquela mina / Pode crer, moleque é gente fina / Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá / Tanto faz, os dias são iguais / Acendo um cigarro, e vejo o dia passar

Trecho da música “Diário de Um Detento” dos Racionais MC’s (SOBREVIVENDO, 1997).

Silvio de Almeida¹¹ nos alerta que “[...] a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.” (2019, p. 24-25). É importante, então, falar de como a história moderna e sua a construção da noção de homem fazem a ideia de raça ganhar relevância social até os tempos atuais. As grandes revoluções liberais que dão base às constituições de igualdade das sociedades contemporâneas fundamentam-se sobre a filosofia iluminista, a mesma que instaurou do ponto de vista intelectual a diferença entre o civilizado e o primitivo, chamando isso de razão e dando como missão de vida ao homem branco europeu (cisheteronormativo e cristão) a tarefa de levar essa civilização aqueles ditos menos desenvolvidos.

Nessa direção, Achille Mbembe¹² (2018a) destaca que o colonialismo surge como um projeto de universalização dos colonizados nos espaços da modernidade e, logo, das atuais sociedades. O racismo antinegro aparece então como um meio de autolimitação do povo negro e de instrumentalização de seus corpos em nome da garantia dessa razão branca. Isso é, a sociedade colonial é construída sob uma narrativa de hegemonia do ser branco, aquele que importa, que deve ser preservado e respeitado, na qual tudo é absoluto e se houver contestação é seguida de repressão. “Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. **O racismo é estrutural.**” (ALMEIDA, 2019, p. 50, grifo nosso). Dependendo assim de aparatos, práticas e organizações subjetivas e funcionais que sempre se renovam e adaptam para perpetuar a mesma lógica de poder e desigualdade.

Ao aproximar esse fato das cidades e seus espaços urbanos, percebe-se que a colonialidade causa diversos impactos no fazer político, econômico e social cidadão, do micro à macro escala. Numa mesma casa temos a suíte master com jacuzzi e closet e do outro lado um quarto de empregada sem ventilação adequada; numa mesma rua temos pessoas morando em casas e apartamentos de luxo e pessoas sem teto; num mesmo bairro temos condomínios com uma infraestrutura de alto padrão totalmente murados e do outro lado pessoas vivendo em assentamentos precários localizados em encostas; num mesmo município temos áreas com grandes concentrações de

11 Silvio de Almeida é advogado, filósofo, doutor e pós-doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Natural de São Paulo, preside o Instituto Luiz Gama e se consolidou como uma das novas vozes no panorama intelectual brasileiro, principalmente a partir do lançamento de seu livro “Racismo Estrutural” (2019).

12 Achille Mbembe é um dos mais importantes filósofos, teóricos políticos, historiadores e intelectuais sobre estudos pós-coloniais. Professor universitário Wits Institute for Social and Economic Research (WISER) da Universidade Witwatersrand de Joanesburgo, Mbembe nasceu na República de Camarões e ficou bastante conhecido pelas suas obras Necropolítica e Crítica da Razão Negra.

renda, enquanto outras não chegam nem a um salário mínimo; numa mesma região metropolitana temos cidades com áreas contendo grande diversidade de usos, ao passo que outras têm um caráter de uso primordialmente residencial.

“O racismo delimitou não apenas os espaços sociais, mas também os espaços físicos desenhando as cidades de maneira excludente e segregacionista, reforçando a supremacia branca como forma de poder predatório.” diz Joice Berth (2019, online). Ou seja, a raça é um dos fatores fundamentais para consolidação dessa desigualdade e da garantia da hegemonia branca. O acesso ao que deveria de fato ser o Direito à Cidade é definido pela raça, mas não só por ela, também pelo gênero e classe, como nos alerta Mayara de Paula (2019) em sua análise interseccional¹³ da vida urbana em Maceió-AL com foco nas condições de vida das mulheres negras. Dentro dos grupos que fogem da norma branca e logo são hierarquizados em um nível de desonra e inferiorização, há quem sofra mais ainda por ter outros marcadores sociais que os perpassam. De forma similar ao racismo, o sistema patriarcal e o machismo surgem como ferramentas de dominação e violação: às mulheres o direito de escolha é privado, elas são utilizadas como instrumentos para realização de diversas tarefas de serviço domiciliar, produtivas e reprodutivas.

Existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade e a arquitetura que colocam as pessoas negras em um constante lugar de subalternidade e materializam relações de hierarquia e dentro desse marcador de raça outros marcadores sociais exacerbam essa opressão. Segundo Joice Berth **“O racismo é um urbanista que planeja e define espaços de morte e vida nas grandes cidades”** (2019, online, grifo nosso). Portanto, repensar o que está posto no nosso campo de Arquitetura e Urbanismo é um dever para tentar superar a colonialidade e seus sentidos escravocratas que ainda perduram, garantem desigualdades sociais e estereotipam bairros negros da cidade e pessoas negras a partir de uma ótica negativa: seja da violência, da miséria, da morte, da fome, da pobreza, da opressão.

As periferias e favelas, são parte de uma importante articulação de desumanização de sujeitos negros, expostos a práticas racistas que culminam com a morte física. [...] **Esses espaços pretos são lugares do racismo que se materializaram para cancelar as outras práticas que figuram no grande guarda-chuva da hierarquia racial histórica. Nesses lugares a permissão social se alia ao descaso e à perpetuação de estereótipos, estigmas e a violência física e simbólica que mata pessoas negras e pobres desde os primórdios desse país** (BERTH, 2019, online, grifo nosso).

Os céus negros no inferno da branquitude

Desnaturalizar a imagem dos bairros negros como protagonistas naturais de negatividades - miséria, desigualdade, violência, opressão, pobreza, fome - deve então ser uma tarefa central como resposta e combate a essa visão que reforça estereótipos

13 O conceito de interseccionalidade é cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, como uma maneira analítica de pensar identidade e sua relação com o poder. Carla Akotirene, militante da causa negra, feminista e Doutora em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela UFBA, em seu livro “Interseccionalidade”, ressalta que “[...] por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos.” (2018, p. 37).

racistas antinegros. No campo da Arquitetura e Urbanismo, pensar em perspectivas de futuro, presente e passado, de outras realidades e ficções através da negritude é uma saída. Imaginar essas outras possibilidades e expectativas é afirmar que as pessoas negras não só sobrevivem ao presente, mas também criam suas próprias formas de viver. Afinal, a sobrevivência não é a história única da população negra. E esse é o “perigo da história única”, como nos alerta Chimamanda Adichie¹⁴: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” (2018, p. 12). Adichie, então, ressalta: “As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (2018, p. 16, grifo nosso).

O que vivemos hoje é resultado da fragilidade de uma sociedade, de um Estado que constrói instituições que tratam o racismo mas que não combatem os elementos que dão forma e figura [...]. O racismo é discursivo, funciona por meio de discurso e imagens, constrói uma associação entre imagens e palavras, e constitui algo perigoso: aquilo que é ilógico. Racismo é ilógico, torna um discurso ilógico como credível [...]. Por isso as imagens têm peso tão importante. Trabalhamos com o imaginário. É preciso disputar o simbólico. E a arquitetura não pode permanecer inerte (SILVA, 2020, p. 62).

André Silva¹⁵ (2020) nos mostra que o racismo estrutural opera em esferas subjetivas e simbólicas do dia-a-dia. Consequentemente a atuação dentro do simbólico pede que a Arquitetura¹⁶ enquanto campo acadêmico e prático a possibilidade de alteração das estruturas físicas e imaginárias se posicione. Como então pensar sobre outras histórias que não sejam sobre miséria, desigualdade, violência, opressão, pobreza, fome de bairros negros a partir da Arquitetura? De acordo com Thalita Melo¹⁷ e Maria Angélica Silva¹⁸ (2022), para grupos colocados à margem da sociedade em que impera a branquitude, a reconstrução do imaginário e das representações de si, da quebra da autoimagem negativa construída pelo olhar da colonialidade é fundamental para tanto. Nesse sentido, buscamos aqui a construção de outras histórias, pois “[...] quando reiteramos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, **reavemos uma espécie de paraíso**” (ADICHIE, 2018, p. 17, grifo nosso).

14 Chimamanda Adichie é uma escritora nigeriana, reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas da atualidade com sucesso na atração de leitores para literatura africana e autora de duas das conferências TED Talk mais vistas de todos os tempos: “O perigo da história única” (2009) e “Todos devemos ser feministas” (2012).

15 André Luis de Oliveira Silva é Arquiteto, Urbanista e Paisagista formado pela Universidade de São Paulo em 2020, no qual se formou com o seu Trabalho Final de Graduação, “Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim: Ensaio antirracista para a Arquitetura”, no qual desenvolve um lindo trabalho acadêmico, artístico e militante acerca do papel da arquitetura frente aos estudos decoloniais e ao racismo.

16 Tratada aqui como uma coletânea dos demais campos e atuações que abrange: Urbanismo, Paisagismo, prática projetual, o edificado, entre outros.

17 Thalita Melo é psicóloga e doutoranda em Cidades pela Universidade Federal de Alagoas desde 2018. Tem experiência na área de Psicologia Social, atuando principalmente nos temas: cidades, comunidades, políticas públicas, direitos humanos, instituições.

18 Maria Angélica é Arquiteta e Urbanista, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisadora CNPq e coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem desde 1998. Com experiência nos temas da história da paisagem, do urbanismo e da arquitetura; iconografia, arquitetura moderna e contemporânea; patrimônio e design de produtos culturais.

O conceito de Afrofuturismo aborda bem tal cenário: a necessidade de fabular e imaginar mundos outros por meio da ficção no qual a negritude seja a baliza de narrativa de um futuro negro. Segundo Kênia Freitas¹⁹ (2015), enquanto população negra, nós vivemos num duplo trauma: o do passado de escravidão e o do presente de perseguição dada pela violência estatal. Traumas esses individuais, coletivos e correlacionados. É dessa forma que trazemos aqui a perspectiva do afrofuturismo: ela parte de uma premissa de que nossa história negro-africana é apagada devido aos processos de diáspora e violência em que vivemos, assim, temos uma história fragmentada, como pedaços das narrativas que não foram apagadas pelos processos coloniais. Então, precisamos nos dar conta e empoderar desses traumas e para através deles criar e resgatar outras possibilidades históricas. Esse seria o Afrofuturismo, conforme Kênia Freitas (2015), um movimento estético e político multidisciplinar, que parte da narrativa especulativa e fantástica para recuperação e criação de novas concepções de passado, presente e futuro, que se dá através da escrita da ficção científica, da música, do cinema. São exemplos bastante conhecidos os filmes “Pantera Negra”, da Marvel, e “*Black is King*”, da cantora Beyoncé.

É importante, contudo, afirmar que não estamos querendo negar o presente, apenas pensar em tempos no qual a população negra viva plenamente. Se atravessarmos os horrores impostos pelo processo de colonização podemos afirmar que a distopia para africanos e pessoas que vivem em diáspora por conta do colonialismo já é uma realidade, como afirma Morena Mariah Couto²⁰ (AFROFUTURISMO, 2020). Da mesma forma não podemos destratar o passado, reduzindo-o a aspectos negativos da escravidão e da colonização, não podemos reduzir nossa história a uma história única de existência a partir do domínio da branquitude dessa posta distopia. Assim sendo, surge o conceito de Afrofuturismo 2.0, segundo Reynaldo Anderson²¹ (2016), essa concepção busca ampliar o Afrofuturismo que surge na década de 90: de que a história do povo negro foi sistematicamente apagada, quando, na verdade, ela existe, apenas é ignorada pela historiografia ocidental. Logo, o Afrofuturismo 2.0 busca retomar o conceito inicial de Afrofuturismo e também o expandir para todas as áreas do conhecimento humano. É preciso então resgatar esses conhecimentos.

Ao lembrar que vivemos em uma distopia, devemos também refutar e pensar que utopias também já existiram, existem e ainda existirão, entendendo que a realidade não é estática, mas mutável, muito menos uma só, mas várias. A prática religiosa do Candomblé, estratégia espiritual afro-brasileira derivada de cultos africanos, onde há a crença e culto a um Ser Supremo e a natureza; a existência do Quilombo dos Palmares, surgido em 1594 na região da hoje cidade de União dos Palmares em Alagoas, sendo o primeiro governo de africanos livres das Américas, tradicionalmente chamado de *Ngola Janga* (que significa Pequena Angola), que em seu auge chegou a contar com mais de 30 mil habitantes revolucionários africanos, tendo uma própria estrutura de Estado-nação política, econômica, social e cultural; são fortes exemplos de utopias

19 Kênia Freitas é uma mulher negra pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília, além de crítica e curadora de cinema, com pesquisas e produções acadêmicas voltadas para Afrofuturismo e o Cinema Negro.

20 Morena Mariah Couto é pesquisadora, escritora, palestrante e graduanda em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, é e criadora de conteúdo digital na plataforma Afrofuturo, iniciativa de educação multimídia que trabalha com perspectivas afrofuturistas. Além disso, também trabalha como assessora parlamentar na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, auxiliando em ações de combate ao racismo e garantia de direito de crianças e jovens.

21 Reynaldo Anderson é afro-norte-americano/estadunidense, atual Diretor de Pós-Graduação e Professor Associado de Africologia e Estudos Afro-Americanos na Temple University em Filadélfia, Pensilvânia e Diretor Executivo e cofundador do Black Speculative Arts Movement (BSAM), uma rede internacional de artistas e intelectuais, além de pesquisador com diversas produções sobre estudos africanos, de comunicação e afrofuturismo.

negras.

Nós estamos declarando guerra às utopias messiânicas que prometem um futuro melhor; declarando guerra aos projetos que nos impedem de enfrentar o presente; declarando guerra à ideia de que o futuro será melhor; declarando guerra à renovação sistemática de que o presente é sempre pior do que o passado e o futuro. Essa guerra não é porque não acreditamos que o futuro possa ser melhor, mas porque partimos de um ponto de vista, ou melhor, de pontos de sentidos que sugerem o óbvio, “o amanhã é hoje” [...] (NOGUERA²², p. 139-140, 2019, grifo nosso).

... sobre o processo de montagem urbana

O intuito agora é pensar e narrar outras histórias que não as de estereótipos negativos acerca de bairros negros. Para tanto utilizamos do método/processo de montagem urbana: uma forma de articular os conceitos de memória, narração e história, desenvolvido pela Arquiteta e Urbanista Paola Berenstein²³ (2015). Ele constitui-se a partir das montagens já praticadas por teóricos dos anos 1920 e 1930 Georges Bataille, Walter Benjamin, Aby Warburg e, mais recentemente, por Georges Didi-Huberman, todos homens brancos europeus, pertencentes aos campos da escrita, filosofia, sociologia e/ou história da arte.

A ideia de montagem como uma forma de conhecimento é praticada a partir da disposição ‘lado a lado’, em uma mesa ou [...] [esquema/mapa mental], de narrativas - ‘documentos’ dos mais variados, textuais e/ou imagéticos e, dentre eles, aqueles considerados ‘documentos históricos’ e/ou registros [...] [relativo à memória] - bem distintas e que por vezes contraditórias e anacrônicas e, sobretudo, a partir do choque entre suas diferenças, tanto de conteúdos quanto [...] de narração. [...]. Seguindo a máxima ‘Não tenho nada a dizer somente a mostrar’, uma prática historiográfica a partir da montagem urbana utilizaria os ‘farrapos e resíduos’, as ruínas e memórias da cidade [...] e disporia (mostraria) estes rastros e restos de narrativas urbanas ao lado de outras narrativas díspares sobre as cidades e o urbanismo (de diferentes tempos, espaços ou campos), para tentar fazer emergir outras possibilidades de compreensão das cidades e do urbanismo durante o próprio processo contínuo de montagem/desmontagem/remontagem (JACQUES, 2016, p. 178-179).

22 Renato Noguera é carioca e Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES) do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Tem estudos com foco na filosofia africana, com destaque para estudos com perspectiva na infantilização.

23 Paola Berenstein é Arquiteta e Urbanista, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), pesquisadora CNPq e coordenadora do grupo de pesquisa Laboratório Urbano (PPG AU/ UFBA). É autora dos livros ‘*Les favelas de Rio*’ (Paris, l’Harmattan, 2001); ‘*Estética da Ginga*’ (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2001); ‘*Esthétique des favelas*’ (Paris, l’Harmattan, 2003) e ‘*Elogio aos errantes*’ (Salvador, Edufba, 2012). É co-autora de ‘*Maré, vida na favela*’ (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002) e organizou os livros ‘*Apologia da deriva*’ (Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003), ‘*Corps et décors urbains*’ (Paris, l’Harmattan, 2006), ‘*Corpos e cenários urbanos*’ (Salvador, Edufba, 2006), ‘*Corpocidade: debates, ações e articulações*’ (Salvador, Edufba, 2010), ‘*Corpocidade: gestos urbanos*’ (Salvador, Edufba, 2017) e a coleção ‘*Experiências Metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*’ (Salvador, Edufba, 2015).



A montagem urbana, como método de conhecimento das cidades contemporâneas, parte então da coleta de fragmentos de representação de diferentes tempos, espaços e narrativas (sejam eles artísticos, históricos, científicos, arquitetônicos, cartográficos, entre outros), para por meio de sua articulação fazer surgir possibilidades de compreensão sobre a cidade durante o próprio processo de montagem/desmontagem/remontagem. Uma maneira de retirar os fragmentos de seu contexto e dar margem a “[...] outras formas de narração histórica [...] para ‘romper com o naturalismo histórico vulgar’ [...]” (JACQUES, 2015, p. 54). No caso deste estudo, histórias que não as de violência, sobrevivência e vulnerabilidade da população negra e, logo, histórias que não sejam sobre a hegemonia branca e sua imposição colonial.

Enquanto autor deste trabalho, só me dei conta da existência do processo de montagem urbana através da leitura do artigo “Das margens às galerias midiáticas: Montagens e remontagens poéticas nas produções de artistas visuais negros contemporâneos” (2022) de Thalita Melo e Maria Angélica Silva. Antecedente ao seu uso, já vínhamos propondo uma metodologia similar, ou seja, o processo de construção de outras histórias que aqui propomos já conversava com a ideia de montagem urbana mesmo antes de ter contato com ela. Simultaneamente, gostaríamos de apontar que nos preocupa sua origem estabelecida por pessoas brancas, eurocentrismo e em maioria masculina. Apesar disso, optamos por utilizá-la de forma a fortalecer a metodologia, afinal, nos conforta saber que ela surgiu de maneira natural, antes mesmo de se ter ciência dos estudos de Paola Berenstein. Não precisamos abrir mão ou ignorar aquilo produzido por autores brancos e europeus, mas estar atentos às limitações de determinadas teorias e conceitos.

Estudamos, então, os bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho da cidade de Maceió, capital de Alagoas, estado do nordeste brasileiro: identificados no meu Trabalho Final de Graduação como os mais vulneráveis quanto à sobrevivência da população negra, no sentido de concentrarem a maior quantidade de assassinatos violentos letais intencionais. Através da experimentação com fragmentos de representações imagéticas de advindos de diversos meios, justapondo-os e articulando-os a partir do *software Adobe Photoshop*. “A imagem, foi escolhida aqui, como linguagem primordial por poder falar para grupos diversos sem exigir um letramento especializado e pelo seu poder de síntese, ao permitir mostrar situações complexas” (MELO; SILVA, 2022, p. 43).

Os fragmentos imagéticos foram advindos de: (i). fotografias da minha própria vivência nesses bairros; (ii). fotografias antigas desses bairros, recolhidas no acervo do Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA; (iii). pinturas coloniais da população negra e da natureza morta que representavam registros do Brasil Colônia do pintor francês Jean-Baptiste Debret e do pintor holandês Albert van der Eckhout; (iv). fotografias de auto representação da minha infância; e (v). cartografias da malha viária dos bairros em questão. Nessa coleta de fragmentos entendi a necessidade de realizar uma montagem urbana não só por meio do meu ponto de vista, mas também dos fragmentos de outras vivências, afinal a cidade são várias e não só minha.

Fui atrás de fotografias de amigos e conhecidos e/ou pessoas que moraram/moram ou tiveram/têm alguma vivência nesses bairros. Nesse sentido, agradeço aos fragmentos/fotografias dos meus amigos e colegas José Ruda, Brian, Marcone, Amanda, Dandara, Rafael, Adna, Everton, Felipe e Sander. A busca por fotografias de amigos e conhecidos e/ou pessoas que moram ou tiveram/têm alguma vivência nesses bairros partiu primeiramente da falta/insuficiência de registros próprios, principalmente, do Vergel do Lago e do Jacintinho, uma vez que, durante minha infância fui criado no bairro do Benedito Bentes, na casa de minha avó, Vera Lúcia. Além dessa falta/insuficiência, a pandemia de *Covid-19*, impossibilitou a movimentação segura pela cidade e, logo, a visitação a esses bairros para realizar mais registros fotográficos. Nesse processo de precisar transitar, mas sem riscos, recorri às mídias digitais.

O percurso de procura por imagens em mídias digitais ocorreu também por meio da rede social *Instagram*. Nele, indicações me levaram primeiramente ao projeto do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) em parceria com o Governo do Estado de Alagoas na cidade de Maceió-AL denominado “Visão das Grotas”: o programa surgiu durante a pandemia de *Covid-19* como um projeto emergencial com objetivo de pensar formas de recolher dados quanto a pandemia para formular políticas públicas através da escuta ativa de jovens (de 16 a 28 anos de idade) das grotas²⁴ de Maceió (AL) (ONU, 2020). Em 2021, o projeto culminou na produção de conteúdo midiático para o i e no lançamento do documentário “Visão das Grotas”²⁵ (2021), produzido e filmado pelos próprios jovens moradores das grotas através de

24 Grotas é a área de plano inclinado que forma um vale pelo encontro entre duas áreas de elevada altitude. Em Maceió-AL, as grotas comumente formam a maioria dos bairros negros.

25 O documentário, inclusive, ganhou os prêmios de Melhor Performance e de Melhor Filme pelo Júri Popular na “Mostra Sururu de Cinema Alagoano” em 2021.



Colagem 3 - Homem Africano - Ubuntu, as cidades são várias e também nós (montagem urbana do bairro Vergel do Lago). Fonte: MARQUES, 2022a.

seus próprios celulares, a fim de mostrar as histórias, impactos e percepções locais sobre a pandemia de Covid-19.

Dentro da página do “Visão das Grotas” no Instagram e no documentário, recolhi algumas fotografias e consegui localizar alguns dos jovens que participaram do projeto e também eram moradores dos bairros Jacintinho e Benedito Bentes (únicos dos três aqui estudados com áreas de grotas e, logo, com atuação do programa). A partir do contato com esses jovens, consegui indicações de outros projetos e de jovens produtores de conteúdo para *Instagram* que também trabalham com fotografias e representações dos bairros em que moram, tanto por *hobby*, como profissão. São eles: @dovergel, @jctz.mob, @culturejacintinho.guetto, @jctz.kedinha, @o.paraiso.que.me.cerca, @jctz.films, @444giovanna e @radio.dos.cria. Entrei em contato com as páginas e tive retorno quanto a possibilidade de uso das imagens do @jctz.kedinha, que também é produtor das páginas @o.paraiso.que.me.cerca e @jctz.films e trabalha majoritariamente com produção visual do bairro do Jacintinho. A maioria das contas de *Instagram* são de jovens-homens-negros, moradores desses bairros, que usam essas contas como uma forma de registrar fotografias e cenas do cotidiano de seus bairros por sentidos de reconhecer o paraíso que os cerca, como o próprio nome da conta de um dos *Instagram* sugere “o.paraiso.que.me.cerca”.

Nesse processo de busca - pelas redes sociais, em contato com amigos e colegas, no acervo do Museu da Imagem e do Som de Alagoas, na busca de minhas fotografias da infância e de pinturas coloniais - foram sendo recolhidos fotografias/fragmentos dos bairros Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho e o processo de montagem urbana foi acontecendo. Dessa maneira, intitulo o nome montagem urbana de “*Ubuntu*, as cidades são várias e também nós” (ver Colagem 3, 4 e 5), na busca de sintetizar seu conceito de produção e de onde toma seus diversos partidos.



Colagem 4 - Mulher Africana - Ubuntu, as cidades são várias e também nós (montagem urbana do bairro Benedito Bentes). Fonte: MARQUES, 2022a.

... *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós

A favela não venceu, grande parte da imagem negra é uma narrativa elitista que arquiteta a permanência da violência contra os corpos pretos [...]. Ser negro é um fragmento de olhares plurais e extremamente dedicado a se fazer ver, sim, porque quando o negro retrata algo, de certa maneira, ele se retrata, se conhece e se reconhece a partir da sua realidade cotidiana. Cada recorte compõe um tecido da história presente do negro no Brasil que se liga a uma teia de complexidade amplamente ligada às questões da história de um país mergulhado em uma estrutura que carrega várias feridas abertas, de um passado ainda presente, [...] como também nas imersões sobre quem somos de verdade e o que queremos lembrar ou esquecer. Do mar, figura furiosa, caminho por onde ocorreu a diáspora forçada africana, às marcas da religiosidade negra, aos gritos de pedido de socorro, às referências da ancestralidade negra e até aos silêncios, são signos abordados nas imagens encontradas aqui, numa costura improvável, diversificada, coberta de uma força extraordinária, amplificada pelo desejo de ver e ser visto. [...] existem oceanos de possibilidades a serem apresentados a partir da existência negra. [...] Ser Negro [...] vem para contribuir [...] sobre a importância da reprodução e visibilidade de olhares que carregam o DNA de quem viu coisas terríveis acontecerem consigo mesmo e com os seus, um olhar que carrega, mesmo sem perceber, a esperança de poder se fazer vê, com menos dor e mais amor (SILVA, 2022, [S. p.], grifo nosso).

Durante o processo de escrita desta parte específica do texto em meu Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, especificamente 01 dia antes, participei do evento de abertura da “Exposição Fotográfica Ser Negro” - composta por 33 imagens



Colagem 5 - Calceteiros - Ubuntu, as cidades são várias e também nós (montagem urbana do bairro Jacintinho). Fonte: MARQUES, 2022a.

produzidas por 12 fotógrafos/as negros/as de vários estados brasileiros, ocorrida em Maceió, Alagoas em julho de 2022 e organizada pelo FotoSururu - Encontro de Fotografia Criativa em Maceió/AL. A citação acima foi retirada do texto de abertura da “Exposição Fotográfica Ser Negro”, feito por um dos curadores, Roger Silva²⁶. Ela me serviu como mais um despertar do porque faço e penso nessa montagem urbana: a busca pela construção de imagens que faça pessoas negras serem vistas “com menos dor e mais amor” (SILVA, 2022, [S. p.]) e dessa forma também a mim enquanto pessoa negra. Ela também me despertou quanto ao motivo do uso da palavra *Ubuntu* para nomear as colagens produzidas.

Ouvi essa palavra pela primeira vez em um grupo de trabalho e discussão direcionados a jovens negros/as no “XXIII Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial”²⁷, ocorrido em 2020, em Campinas, São Paulo. No contexto, *Ubuntu* foi usado pela mediadora da discussão ao final das conversas pessoais e afetivas acerca de negritude, representação e resistência negra na Universidade. Colocamos as mãos sobre as mãos uns dos/as outros/as em roda e recitamos: “*com a mão direita nós damos e com a mão esquerda recebemos, Ubuntu, sou o que sou graças a tudo que nós somos*”. Uma forma de demonstrar apoio mútuo pelos compartilhamentos ali feitos e que não estamos e somos sozinhos enquanto pessoas negras. De acordo com

26 Roger Silva é um homem negro, fotógrafo - premiado pelo El Pais Brasil -, historiador, artista autoral e aspirante a escritor (@rogersilvafotos).

27 O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa de aperfeiçoamento acadêmico que trabalha através da tutoria e da indissociabilidade das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão para contribuir na elevação da qualidade dos cursos em que está inserida e assim na formação acadêmica dos estudantes que fazem parte dele. Durante a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo participei do PET Arquitetura durante 2017 e 2021.

Mogobe B. Ramose²⁸ (2009) e Bas'Illele Malomalo²⁹ (2014), *Ubuntu* é uma palavra proveniente das populações africanas falantes da língua Bantu, sendo o conceito central da filosofia africana de organização política e social.

Ele consiste no princípio de compartilhamento de cuidado mútuo. [...] [A ideia central é que] o movimento é o princípio do ser, as forças da vida estão aqui para serem trocadas através e entre os seres humanos. O processo de intercâmbio perpétuo, o movimento incessante de fluxos invisíveis (Griaule, 1965: 137), só faz sentido se reconhecermos que as forças da vida não pertencem a ninguém. Em segundo lugar, devemos reconhecer também que as forças da vida se manifestam através de uma variedade infinita de conteúdos e formas (RAMOSE, 2009, p. 169, grifo nosso).

Do ponto de vista filosófico e antropológico, **o *ubuntu* retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Olodumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados).** Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas. Como elemento da tradição africana, o *ubuntu* é reinterpretado ao longo da história política e cultural pelos africanos e suas diásporas. [...] Na República Democrática do Congo, aprendi que *ubuntu* pode ser traduzido nestes termos: ‘**Eu só existo porque nós existimos**’. [...] (MALOMALO, 2014, online, grifo nosso).

O significado de *Ubuntu* apreendido na minha vivência e nas leituras de Ramose e Malomalo perpassam a montagem urbana e guiam o conceito do seu desenvolvimento: os bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho são retratados em 03 telas diferentes, mas que se unem e também formam 01 tela a partir da ligação da malha viária, utilizada como base. São como elementos individuais e ao mesmo tempo coletivos. Essa noção de compartilhamento também ocorre por meio da continuidade das fotografias, inseridas nos espaços que seriam as quadras formadas pela malha viária. É como uma colcha de retalhos, um quebra-cabeças com diversas cenas do cotidiano desses bairros, que se ligam e simultaneamente diferenciam. Acima da malha de cenas do cotidiano uma figura central, um/a protagonista se põe em foco para cada bairro, rodeado/a por sóis que os/as destacam e iluminam. A intenção foi demonstrar esteticamente, a partir das cenas de vida desses bairros, o como eles são diversos e ao mesmo tempo um só.

A primeira montagem, (Colagem 3 - Homem Africano - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós) representando o bairro Vergel do Lago, tem como protagonista a pintura “Homem Africano”, de Albert Eckhout, feita em 1641 (HOMEM, 2022). Na colagem percebe-se a aproximação da natureza, vista por meio das árvores, da sombra e luz que elas formam, das águas e canoas presentes nela; além disso, prédios distantes são vistos ao fundo da paisagem das águas, um animal de carga junto à carroça, um possível

28 Mogobe B. Ramose é um filósofo sul-africano e professor de filosofia na Universidade da África do Sul em Pretória, considerado um dos principais pensadores a popularizar a filosofia africana, e especificamente a filosofia Ubuntu.

29 Bas'Illele Malomalo é um intelectual e filósofo congolês e professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Campus Malês).



comércio de frutas e um porto com diversas embarcações, somado ainda ao ato de brincar na gangorra. Tudo isso demonstrando uma relação de tranquilidade, harmonia e bucolidade. Nesse cenário, surge a figura do homem negro, com instrumentos que aparentam ser de pesca, caça e possivelmente plantio.

A segunda montagem (Colagem 4 - Mulher Africana - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós), que traz o bairro Benedito Bentes, tem como figura central a pintura “Mulher Africana”, também de Albert Eckhout, feita em 1641 (MULHER, 2022). A pintura, contudo, foi modificada: o menino posicionava-se ao lado esquerdo da mulher, com a mão dela em torno de sua cabeça, como em forma de vigia, cuidado e proteção; no lugar da criança negra que aparece despida, segurando um passarinho em uma de suas mãos e uma espiga de milho noutra, usei uma fotografia minha, na minha infância. Uma forma de me representar enquanto vivente no bairro do Benedito Bentes, também aos cuidados de mulheres durante minha infância na casa de minha avó, Vera Lúcia. Nessa cena, a protagonista está acima de uma fotografia do bairro vista alto, como se também o guardasse, tal qual a criança; ao mesmo tempo que protege com uma de suas mãos, carrega na outra uma cesta com frutas, enquanto usa um chapéu, talvez como um meio de proteção do sol.

Como pano de fundo, mais uma vez vemos diversas cenas do cotidiano, no centro, em destaque de dimensão, a fotografia de uma casa azul, feitas de tapumes de madeira e com sinais de que alguém mora ali: imersa em meio a diversas vegetações, plantadas em caqueiras ou no próprio solo e aparentemente cuidadas; junto a elas um carro de mão e diversas roupas estendidas, secando ao sol. A partir da casa as fotografias começam a representar caminhos, vias e passagens, com pessoas caminhando ao fundo, se distanciando dessa casa, como que saindo do habitar em direção a outras atividades. Para além desses percursos, os limites também surgem representados pelos muros grafitados com “CRB” e “Que vírus é esse?”, referenciando um time de futebol da cidade de Maceió-AL (e possivelmente a área/domínio de uma torcida organizada) e a pandemia do *Covid-19*.

A terceira e última montagem (Colagem 5 - Calceteiros - *Ubuntu*, as cidades são várias e também nós), por sua vez representando o bairro do Jacintinho, tem como protagonista a pintura “Calceteiros”, feita por Jean-Baptiste Debret em 1824 (CALCETEIROS, 2022), que demonstra, como o nome da própria pintura indica, dois calceteiros (trabalhadores que calçam ruas, calçadas e outros caminhos com pedras, paralelepípedos e similares) com uma espécie de prensa, em meio ao ato de seu trabalho. Ao lado dos protagonistas, a figura de um farol também toma centralidade, como que iluminando as fotografias (tiradas de mirantes) de uma paisagem distante, mas também próxima, de prédios e do mar que aparecem ao redor dela. Soma-se ainda, ao redor dessa paisagem próxima/distante, a figura dos caminhos, representada por vias, automóveis, pessoas caminhando e motos em velocidade. Além disso, fotografias e pinturas de um comércio se sobressaem: a venda ambulante de óculos e de frutas. Tudo em um emaranhado, demonstrando uma calma e também uma rapidez, enquanto a figura do trabalhador calçando a cidade e o farol, a iluminar, se sobressaem.

É importante também destacar os motivos do uso dos fragmentos, suas origens e o que isso representa: a afetividade, demonstrada na auto representação; o passado, nas fotografias antigas; o controle e reconstrução de si enquanto pessoas negras, na atualização das pinturas coloniais; as imagens de vida, nas simplicidades das cenas do cotidiano; a conexão, na figura malha viária; e o fazer ser visto, dada pelos sóis. Afeto, passado, controle de si, imagens de vida, conexão e o fazer ser visto, são essas algumas das formas que aqui buscamos representar os bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho. As potências e percepções das montagens urbanas são diversas, dependem do lugar de fala de quem as vê, de quando as vê, e por isso as análises que faço são, de certo modo, não tratam da totalidade das possibilidades de percepção, mas servem como uma provocação no caminho de materializar outras imagens, discursos e símbolos dos bairros negros.

O processo de montagem urbana parece não ter fim, o que entrego aqui neste TFG é um produto inacabado e que nunca será acabado, afinal, apreender o que entendo por esses bairros negros, não consegue se resumir a uma imagem. Enquanto escrevo, dois meses após a colagem desse produto inacabado da montagem, já tenho críticas quanto ao que fiz, desde a montagem partir de uma malha viária, demonstrando minha visão acadêmica do ver a cidade enquanto arquiteto e urbanista, por uma vista superior; até a não maior exploração da atualização das figuras coloniais na busca da reconstrução da imagem do ser negro: qual a razão da mulher e do homem negro terem que aparecer quase/ou despídos? Ou surgirem apenas na figura do trabalho ou no trabalho e do cuidado?

De certa forma, estou tentando mensurar o imensurável, pois as dinâmicas do espaço urbano são eternas e a forma como nós as vemos muda cotidianamente, os territórios não são estáticos, muito menos nossa percepção sobre eles, nossa percepção sobre si, nossa desconstrução e construção é contínua. Para então dar dimensionalidade sobre a colagem, adicionei diversos *hiperlinks* sobre as imagens³⁰: cada recorte com um *hiperlink* redirecionando para músicas, documentários, postagens no *Instagram*, exposições de arte virtuais, todas de alguma forma falando sobre esses bairros negros, a cidade de Maceió-AL e/ou a representação das pessoas negras. Não queremos aqui explicar o que cada *hiperlink* significa, queremos dar margem aos descobrimentos, como uma forma de passear por esses bairros negros. Assim, os *hiperlinks*, inclusive, não estão dispostos de forma a seguir uma narrativa, muito menos mostrando um ícone ou recorte específico onde deve-se clicar. O descobrimento foi a primeira intenção.

³⁰ Segue *link* do Google Drive com colagem em formato .pdf para visualizar a colagem com os *hiperlinks*: https://drive.google.com/file/d/1IN-qztCOiLz-ihscoJj7uWbGY_CGXP7/view?usp=sharing.



De acordo com Gabriela Pereira³¹ (2015), o corpo, o discurso e o território são dimensões indissociáveis na narrativa e definição dos lugares dos sujeitos na sociedade, por isso, o importante é reconhecer que com as montagens e suas provocações damos margem a diferentes possibilidades de interpretação das que estão postas quanto aos bairros do Vergel do Lago, Benedito Bentes e Jacintinho. Aqui nos propomos a criar imagens de vida em afronta às imagens de morte e, assim, “[...] uma possibilidade de reconstrução não só de um discurso, mas daquilo que está implícito na construção da produção da própria cidade e do conhecimento sobre ela, trazendo para o visível, movimentos e sujeitos historicamente diminuídos [...]” (PEREIRA, 2015, p. 30).

Para além das montagens urbanas produzidas diretamente para/neste trabalho, durante minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, mais especificamente nos últimos anos, no processo de começar a pensar o Trabalho Final de Graduação, comecei a desenvolver montagens urbanas sem ainda ter noção do conceito. Elas originaram duas coleções de fotocolagens intituladas “Me Curar em Mim”, feita em 2020, e “Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros”, feita em 2021, em parceria com uma amiga fotógrafa e Cientista Social pela Universidade Federal de Alagoas, Tayná Almeida. Durante este trabalho adaptações de algumas colagens dessas séries que aparecem ao longo do TFG, também como outras formas de representar os bairros negros da cidade de Maceió-AL, que não as de estigmas negativos no geral.

“Fórmula Mágica da Paz”: considerações para outros inícios

Essa porra é um campo minado / Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui / **Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho / A minha vida é aqui, eu não consigo sair / É muito fácil fugir mas eu não vou / Não vou trair quem eu fui, quem eu sou / Eu gosto de onde eu vou e de onde eu vim / Ensino da favela foi muito bom pra mim / Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei / Cada lei uma razão, eu sempre respeitei / Qualquer jurisdição, qualquer área / [...] Eu sei como é que é, é foda parceiro / É a maldade na cabeça o dia inteiro / Nada de roupa, nada de carro, sem emprego / Não tem ibope, não tem rolê sem dinheiro / Sendo assim, sem chance, sem mulher / Você sabe muito bem o que ela quer, é / **Encontre uma de caráter se você puder / É embaçado ou não é? / Ninguém é mais que ninguém, absolutamente / Aqui quem fala é mais um sobrevivente /** Eu era só um moleque, só pensava em dançar / Cabelo black e tênis all star**

Trecho da música “Fórmula Mágica da Paz” dos Racionais MC’s (SOBREVIVENDO, 1997, grifo nosso)

Escrevemos aqui não a fim de obter respostas concretas, mas para instigar dúvidas e questionamentos, por isso entendemos que não trazemos considerações finais, mas considerações para possibilitar outros inícios, outros estudos, outras pesquisas e outras percepções e pensamentos sobre a cidade e seus bairros negros. Dentre elas percebe-se na construção desse trabalho a necessidade de construir símbolos de cidade, no campo da Arquitetura e Urbanismo, quanto aos bairros negros motivados por histórias de vida e não de morte, para auxiliar na tarefa antirracista de assegurar o direito à vida. É nesse sentido que a metodologia de montagem urbana, então,

31 Gabriela Pereira é arquiteta e urbanista e Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Coordena o Grupo de Estudos Corpo, Discurso e Território com pesquisas de foco na articulação dos campos de arquitetura, urbanismo e planejamento urbano com debates de gênero, raça, memória e narrativa das cidades.

possibilitou reconhecer e catalisar outros olhares para os bairros negros.

Através de registros fotográficos de pequenos atos do cotidiano (meus e de outras pessoas), articulados com a auto representação, com imagens negras antigas e outros tipos de representação da cidade de Maceió-AL e da vivência negra, é possível possibilitar provocações e narrativas entre passado, presente e futuro, partindo da criação de uma imagem (ou diversas imagens) que surge do lugar que estamos situados/as, afetivamente, cotidianamente e espacialmente. Nessa perspectiva coletiva de compartilhamento, como nos mostra o conceito de “Ubuntu”, encontramos narrativas humanizadoras de pessoas negras em Maceió-AL, construindo territórios familiares na cidade por meio do campo da ficção e do simbólico.

Por fim, começo a entender que esse artigo, fruto de um Trabalho Final de Graduação, é antes de tudo um projeto de auto conscientização acerca do nosso lugar no mundo. Como futuros/as arquitetos/as e urbanistas, como profissionais que trabalham com a estrutura real de símbolos, nós podemos e devemos desenvolver/mostrar mundos e futuros outros que não os de violência para, assim, enfrentá-la. O que inclusive também fala do porque escolhi esse curso, conscientemente ou não: o de pensar uma outra cidade na qual nós possamos ser nós e nos sintamos livres e bem, uma cidade que sempre projeto dentro dos meus sonhos. Venho aqui como um afago a mim e assim a outros e outras como eu, na busca de me achar em um mundo que constantemente me violenta, mas ao passo que caminho em direção a mim e aos meus, me abraça.

“Jorge da Capadócia”: referências

Jorge sentou praça / Na cavalaria / E eu estou feliz porque eu também / Sou da sua companhia / Eu estou vestido com as roupas / E as armas de Jorge / Para que meus inimigos tenham pés / E não me alcancem / Para que meus inimigos tenham mãos / E não me toquem / Para que meus inimigos tenham olhos / E não me vejam / E nem mesmo um pensamento eles possam ter / Para me fazerem mal / Armas de fogo / Meu corpo não alcançarão / Facas e espadas se quebrem / Sem o meu corpo tocar / Cordas e correntes arrebentem / Sem o meu corpo amarrar / Pois eu estou vestido com as roupas / E as armas de Jorge / [...] Salve Jorge [...]
Trecho da música “Jorge da Capadócia” dos Racionais MC’s (SOBREVIVENDO, 1997)

Para além de entender que a maioria das referências bibliográficas deveria ser de pessoas negras, que se colocam e posicionam politicamente como tal, e de que as pessoas não negras citadas deveriam ser aliados/as que se posicionam na luta antirracista, nós ainda sentimos que o lugar de Referências Bibliográficas reproduz um importante papel no epistemicídio e apagamento de teóricos não brancos. Por conta das regras da ABNT, as pessoas citadas são reduzidas a sobrenomes, ou seja, por meio deles você não consegue saber muitas coisas sobre a pessoa e o que ela faz. Devido à constante presença branca e masculina na academia, sempre pensamos ou associamos esses sobrenomes a tais características: quem seria uma pesquisadora mulher sempre é confundida por um homem, uma pessoa não branca sempre considerada branca. Enfim, os apagamentos são diversos. Por este motivo, durante a citação das pessoas durante o trabalho, trouxemos notas de rodapé explicando brevemente os estudos e/ou carreiras dos teóricos citados direta ou indiretamente de forma a situar nosso conhecimento.

Referências

ACERVO do Arquivo Público De Alagoas. Museu da Imagem e do Som (MISA). Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Tradução: Julia Romeu. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

AFROFUTURISMO: DA ÁFRICA ANTIGA À DISTOPIA DO PRESENTE, 2020, [S. l.]. [Curso online - ministrado por Morena Mariah]. [S. l.]: Bora Saber?, 2020.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BAIRROS NEGROS: A FORMA URBANA DAS POPULAÇÕES NEGRAS NO BRASIL, 2021, Bahia. [Disciplina de Extensão - ministrada por Henrique Cunha e Fábio Velame]. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

BERTH, Joice. Áreas brancas e áreas negras: o redline nas cidades brasileiras. *Carta Capital*, São Paulo, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/areas-brancas-e-areas-negras-o-redline-nas-cidades-brasileiras/>. Acesso em: 02 set. 2022.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. *Manual de Atuação para membros do Ministério Público em crimes violentos letais intencionais* / Conselho Nacional do Ministério Público. Brasília: CNMP, 2021. 32 p. Disponível em: https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2021/Manual_Atua_Crimes_Violentos.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

CALCETEIROS. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1585/calceteiros>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

DELANY, Samuel R. The necessity of tomorrows. In: DELANY, Samuel R. *Starboard Wine: more notes on the language of science fiction*. Nova Iorque: Dragon Press, 1984. p. 23-35.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA SER NEGRO, 2022, Maceió. *Texto da curadoria da exposição*, feita por Roger Silva. Maceió: FotoSururu - Encontro de Fotografia Criativa em Maceió/AL, 2022.

FREITAS, Kênia. *Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica*. São Paulo: Caixa Econômica Federal, Caixa Belas Artes. 2015.

HOMEM Africano. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24491/homem-africano>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. Exame: No Brasil, 84% percebe racismo, mas apenas 4% se considera preconceituoso. *Instituto Locomotiva*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/exame-no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>. Acesso em: 20 mai 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem Urbana. In: *Caderno de Articulações - Experiências de Apreensão da Cidade - CORPOCIDADE 4*, Laboratório Urbano - PPGAU/FAUFBA, Salvador, 07 mar. 2016. Disponível em: https://issuu.com/laboratoriourbano/docs/caderno_cc_4. Acesso em: 01 jun. 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem Urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra; DRUMMOND, Washington. *Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea*, Salvador, EDUFBA, 2015. 4 v. (Coleção PRONEM). Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/pronem/ColecaoTomoiV.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MALOMALO, Bas'ilele. *Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2014.

MARQUES, Leandro Ferreira. 'Sobrevivendo no Inferno': experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022a.

MARQUES, Leandro Ferreira. Me Curar em Mim: As Cidades Negras. *Fotocronografias: A cidade em metamorfose: imagem, direito à cidade e gentrificação*, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 19, p. 294-313, 2022b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/fotocronografias/article/view/129762>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1, 2018.

MELO, Thalita Carla de Lima; SILVA, Maria Angélica. DAS MARGENS ÀS GALERIAS MUDIÁTICAS: montagens e remontagens poéticas nas produções de artistas visuais negros contemporâneos. In: DIAS, Juliana Michaello Macêdo; OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos. *Temporalidades e apropriações: representações e processos do habitar*. Curitiba: CRV, 2022. 138 p.

MULHER Africana. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24488/mulher-africana>. Acesso em: 28 de julho de 2022.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. *Momento: diálogos em educação*, [S. l.], E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PAULA, Mayara Almeida de. *Análise interseccional da vida urbana: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL*. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2019. Disponível em: https://issuu.com/_mayaps/docs/an_lise_interseccional_da_vida_urbana__tfg_. Acesso em: 28 out. 2020.

PAULA, Tayná Almeida de; MARQUES, Leandro Ferreira. Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros. *Fotocronografias: Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências*, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 17, p. 90-105, 2021. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/vol-07-num17-2021-culturas-juvenis-artes-e-resist%C3%AAncias-900ef7cf5091>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PEREIRA, Gabriela Leandro. *Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus*. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2015. 252 f. Disponível em: https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/tese_gabriela_leandro_pereira_1.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: G. C. Gráfica de Coimbra LDA., 2009. p. 135-176. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

REIS, Vilma. *Atucaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13695/1/Atucaiados%20pelo%20Estado%20-%20Vilma%20Reis.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, André Luis de Oliveira. *Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim: Ensaio antirracista para a Arquitetura*. 2020. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://tfg.fau.usp.br/andre-luis-de-oliveira-silva/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SOBREVIVENDO no inferno. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Álbum de música (108 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVQ3YYnic2o>. Acesso em: 23 out. 2020.

THE DANGER of a single story. Chimamanda Ngozi Adichie. Oxford: TED Conferences, 2009. 1 vídeo (18 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 20 maio 2022.

VISÃO das Grotas. Direção: Agnes Vitória, Ewelyn Lourenço, Josias Brito, Letícia Cbral, Mariana Alves, Maysa Reis, Rafaela Oliveira, Tauan Santos, Walisson Fidelis. ONU-Habitat Brasil. Maceió: ONU-Habitat Brasil. 1 vídeo (27 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aOsJGu5d7eo>. Acesso em: 02 maio 2022.

WE SHOULD all be feminists. Chimamanda Ngozi Adichie. London: TED Conferences, 2012. 1 vídeo (29 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt. Acesso em: 20 maio.